

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS JATAÍ
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM ANÁLISE E
DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS**

SUELMA PEREIRA ALMEIDA

**SINAIS ESPECÍFICOS EM LIBRAS PARA O CURSO DE TECNOLOGIA EM
ANÁLISE E DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS**

JATAÍ - GO

2018

SUELMA PEREIRA ALMEIDA

**SINAIS ESPECÍFICOS EM LIBRAS PARA O CURSO DE TECNOLOGIA EM
ANÁLISE E DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Câmpus Jataí, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, sob orientação do professor Me. Thábio de Almeida Silva e co-orientador da Professora. Ma. Eliane Raimann

JATAÍ - GO

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)

ALM/sin	Almeida, Suelma Pereira. Sinais específicos em libras para o curso de Tecnologia em Análise de Desenvolvimento de Sistemas / Suelma Pereira Almeida. -- Jataí: IFG, Coordenação dos cursos de Informática e Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, 2018. 34 f.; il. Orientador: Prof. Me. Thábio de Almeida Silva. Coorientadora: Prof. Ma. Eliane Raimann. Bibliografias. Apêndices. 1. Libras. 2. Glossário em Libras. 3. TADS. I. Silva, Thábio de Almeida. II. Raimann, Eliane. III. IFG, Câmpus Jataí. IV. Título. CDD 419
---------	--

Ficha catalográfica elaborada pela Seção Téc.: Aquisição e Tratamento da Informação.
Bibliotecária Rosy Cristina Oliveira Barbosa CRB 1/2380 Câmpus Jataí. Cód. F054/2018.

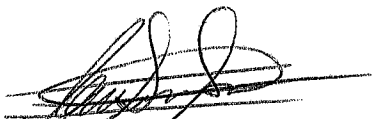
SUELMA PEREIRA ALMEIDA

**SINAIS ESPECÍFICOS EM LIBRAS PARA O CURSO DE TECNOLOGIA EM
ANÁLISE E DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS**

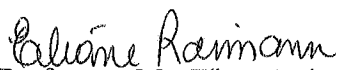
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Câmpus Jataí, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi defendido e aprovado em 30 de julho 2018, pela banca examinadora constituída pelos seguintes membros:

BANCA EXAMINADORA



Professor Me. Thábio de Almeida Silva
Presidente da banca/Orientador
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás



Professora Ma. Eliane Raimann
Co-orientadora
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás



Professora Esp. Kamilla Fonseca Lemes
Membro externo
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso

Dedico a minha família, professores, intérpretes e amigos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, a meus familiares, aos intérpretes que me acompanharam no decorrer do curso, aos professores e colegas.

“O silêncio não impede de sermos úteis. ”

Hélvio Oliveira

RESUMO

A partir da Lei Libras, 10.436 de 24 de abril de 2012, foi garantido ao Surdo o direito do intérprete de Libras em sala de aula, bem como a oficialização do uso da língua de sinais como língua de instrução. Esta Lei, fez com que a inclusão dos Surdos no ensino seja uma realidade, por outro lado abriu-se uma lacuna de adequações que necessitam ser observadas para que esta inclusão de Surdos aconteça de fato, ao qual, ainda não é realizada de forma efetiva já que as aulas são voltadas para alunos ouvintes. Assim, a partir de uma vivência dentro do curso de Tecnologia e Análise em Desenvolvimento de Sistemas - TADS, do Instituto Federal de Educação de Goiás – Câmpus Jataí, ao qual senti muita dificuldade no processo de ensino e aprendizagem devido à falta de sinais específicos para o curso de TADS, propomos desenvolver um estudo que visa contribuir com o processo de formação dos futuros Surdos que pretendem cursar ou estão cursando na área de informática. Assim, devido essa necessidade de estipular sinais em Libras aos termos específicos do curso de TADS, tivemos como objetivo principal, criar e divulgar sinais em Libras dos termos específicos do Curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, para contribuir com a melhoria da compreensão dos alunos Surdos. Contudo, fizemos um levantamento dos sinais confeccionados em sala de aula, juntamente com os intérpretes de Libras, bem como os sinais aproveitado de outras plataformas virtuais, e juntamente com a Comunidade Surda Jataiense, foi aprovado um Glossário em Libras dos Sinais Específicos do Curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas e divulgado a partir de uma mídia virtual, Youtube. Esperamos, que este trabalho sirva de suporte para outros Surdos que pretendem ou estão cursando TADS.

Palavras-chave: Libras. Glossário em Libras. TADS.

ABSTRACT

From Libras Law 10,436 of April 24, 2012, Deaf person was guaranteed the right of interpreter of Libras in the classroom, as well as the officialisation of the use of sign language as a language of instruction. This law has made the inclusion of the Deaf in education a reality, on the other hand, a gap has emerged in the adequacies that need to be observed in order for this inclusion of Deaf people to happen in fact, to which it has not yet been effectively carried out since the classes are aimed at listening students. Thus, based on an experience in the Technology and Analysis in Systems Development (TADS) course, from the Federal Institute of Education of Goiás - Câmpus Jataí, to which I felt great difficulty in the teaching and learning process due to the lack of specific signs for the course of TADS, we propose to develop a study that aims to contribute to the process of training future Deaf people who intend to attend or are studying in the field of computer science. Therefore, due to this need to stipulate signs in Libras to the specific terms of the TADS course, we had as main objective, to create and to divulge signs in Libras of the specific terms of the Course of Technology in Analysis and Development of Systems, to contribute to the improvement of the understanding of Deaf students. However, we did a survey of the classroom signals, together with the interpreters of Libras, as well as the signals taken from other virtual platforms, and together with the Deaf Jataiense Community, a Glossary in Libras of Specific Signals of the Course of Technology in Analysis and Development of Systems and released from a virtual media, Youtube. We hope this work will provide support for other Deaf people who are pursuing or are pursuing TADS.

Keywords: Libras. Glossary in Libras. TADS.

SUMÁRIO

MEMORIAL	11
INTRODUÇÃO.....	13
1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS	16
2 REFERENCIAL TEÓRICO	19
3 RESULTADOS e DISCUSSÕES	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS	27
APÊNDICE	30

MEMORIAL

Para esta pesquisa verificamos a necessidade de construir um memorial para que o leitor tenha conhecimento de forma mais detalhada do processo que culminou na necessidade de construção deste produto.

Sou surda, nascida em família de pais ouvintes ao qual tive muitas dificuldades de comunicação desde o seio familiar. Assim, não diferentemente, durante toda minha vida acadêmica a comunicação era e é uma barreira a ser superada.

Hora pela falta do intérprete de Libras para fazer uma mediação entre eu e demais ouvintes, hora é pela falta de conhecimento da sociedade quanto a minha forma de comunicar.

Assim, ao adentrar no curso de Tecnologia e Análise em Desenvolvimento de Sistemas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Jataí, pensei que por se tratar de uma disciplina mais no campo das exatas, não haveria muitas dificuldades a serem superadas quanto ao processo comunicativo devido a diferença de línguas.

Entretanto, para meu desespero, o problema se tornou ainda maior, pois durante toda minha vida, por mais que tinha dificuldade em compreender a língua portuguesa, fui construindo um vocabulário ao qual me possibilita compreender muitos textos curtos em português, lógico, o básico. Porém, o curso trazia palavras que nunca havia visto antes, termos aos quais nem imaginava o que significava, muitas palavras nem estava em nosso idioma brasileiro.

Então, além de me esforçar e tentar compreender o conteúdo, precisava construir um vocabulário dessas novas palavras. Além do que, os intérpretes ao qual me acompanhava também não tinha conhecimento desses termos, pois se referem a algo muito específico do curso que estava estudando.

Assim, a todo momento precisávamos construir nosso vocabulário, tanto na escrita da palavra bem como na criação de um sinal em Libras que o represente. Porém, esse processo é demorado, pois preciso entender o significado do termo para depois pensar em algum sinal, e isto demanda tempo.

Portanto, muitas das explicações que meus colegas tiveram durante todo curso, para mim, a informação chegava somente em partes, perdendo muitas das vezes o essencial do conteúdo.

É importante ressaltar que, da mesma forma que o passar das diversas disciplinas do curso o aluno acaba esquecendo devido à falta de prática daquele conteúdo, os sinais ao qual

criávamos também sofria do mesmo processo, pois não tínhamos a prática de registrar esses sinais, assim, quando precisávamos, as vezes definíamos outro sinal.

Portanto, essa pesquisa tem o objetivo em consolidar os sinais específicos em Libras para o curso de TADS, para que contribua com o processo de aprendizagem de outros alunos surdos que tenham o interesse de estudar esse curso.

INTRODUÇÃO

A oferta de um ensino de qualidade e inclusivo para o aluno Surdo¹ retoma um importante debate sobre as metodologias utilizadas para a compreensão dos conceitos de cada disciplina. Na perspectiva de uma educação técnica, os termos específicos se tornam um grande problema para a compreensão desses alunos, devido à falta de léxicos que represente esses termos. Nesse sentido, a presente proposta de pesquisa propôs analisar os termos técnicos utilizados no curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, a fim de criar sinais que os represente, facilitando a interpretação e compreensão do aluno Surdo em sala de aula.

Sabe-se que a criação de sinais que represente cada termo específico não resolverá todos os problemas relacionados a educação de Surdos, muito menos que esse infortúnio cabe exclusivamente ao intérprete de Libras, pois como salienta Ramirez e Masutti (2009), o fracasso escolar do educando Surdo está relacionado com a inadequação da escola para atender às suas especificidades de aprendizagem, falta de fluência na língua de sinais, língua natural diferenciada, formação voltada para cultura oral-auditiva e falta de conhecimento da sua cultura, os alunos Surdos vêm acumulando prejuízos cognitivos, que acaba levando o Surdo a um descontentamento educacional. Porém, espera-se que esse trabalho possa minimizar as barreiras contidas no processo ensino-aprendizagem desses sujeitos.

Por adaptação ao tempo disponível para o desenvolvimento da pesquisa e levando em consideração a gama de termos específicos presente em todo Curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, foi feito um recorte moldando para o tempo disponível, portanto optou-se pelas disciplinas de Algoritmos por ser a base de todas as disciplinas de Linguagem de Programação e também por ser considerada pela autora dessa pesquisa como sendo a mais em grau de dificuldade, pois a mesma obteve-se 3 reprovações nessa disciplina.

Portanto, para justificativa dessa pesquisa ao qual também sou objeto de estudo, não poderia deixar de contar um pouco da minha vida acadêmica. Assim, sou Surda e desde o momento da escolha de qual graduação poderia cursar, sempre me passava como um filme toda a dificuldade que enfrentei durante toda minha vida escolar, por ter como língua natural uma

¹ A palavra Surdo é utilizada nesse estudo com “S” maiúsculo por concordar com Moura (2000), em que utiliza a terminologia “Surdos” por elucidar a condição do sujeito e não da deficiência. Que também de acordo com Decreto nº 5.626 é aquele que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

língua diferente da utilizada pela maioria absoluta da população onde interajo, constantemente enfrentei barreiras quanto a dificuldade na escrita da língua portuguesa por ter uma estrutura diferente da minha língua de sinais. A Libras², bem como a LSB (Língua de Sinais Brasileira) como também é conhecida, é a língua materna dos Surdos³ do Brasil, sendo de modalidade linguística espaço-visual, esta língua é recebida pelos olhos e pelas mãos que é a forma de produção, diferentemente da língua oral, cuja modalidade é oral auditiva (SILVA, LEMES e SILVA 2016).

Contudo, para escolha do curso a qual me dedicaria por 3 ou 4 anos, optei por um curso que não abordasse tanto a língua portuguesa, como os cursos de humanas, porém o que temia se incorporou nos vários léxicos presentes no Curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, tinha que aprender, decorar todos esses termos e para facilitar a comunicação e o desenvolvimento das interpretações das aulas precisei juntamente com intérprete de Libras a qual me acompanhava definir alguns sinais para os termos aprendidos.

Para Silva, Lemes e Silva (2016), o intérprete de Libras é aquele que tem o papel de intermediar a comunicação entre a pessoa surda e uma ouvinte, e vice versa. Segundo Quadros (2002), compete ao intérprete a interlocução (intermediar) e a busca de subsídios, referente a língua de sinais, para desempenhar a tarefa de estabelecer a comunicação entre Surdos e ouvintes.

Entretanto, por quatro vezes durante o percurso do curso foi trocado o intérprete que me acompanhava. Para que o tradutor/intérprete tenha condição para repassar as informações da fala do professor, ele precisa ter o mínimo de conhecimento sobre o assunto, assim a todo momento de troca fui prejudicada, pois levava tempo para o intérprete conseguir assimilar os termos utilizados no curso para que pudesse transmitir de forma clara, além de precisarmos condicionar vários sinais novamente.

Portanto, essa pesquisa é um levantamento de todos os sinais criados por mim e pelas intérpretes em função de registrar e divulgar para outros Surdos que cursam ou pretende cursar Análise e Desenvolvimento de Sistemas, para que não passem pelas mesmas dificuldades que passei.

Visto que, é de suma importância para uma melhor compreensão dos alunos Surdos aos conteúdos das aulas de TADS, que a captação das informações aconteça de forma fluente e em língua de sinais. Diante disso o problema norteador da nossa pesquisa é a “Necessidade de

² LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais, reconhecida nacionalmente como língua oficial da comunidade Surda pela Lei nº 10.436 de 2002.

estipular sinais em Libras aos termos específicos do curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas para que os Surdos possam absorver os conteúdos. ”

Assim, em uma perspectiva ampla este trabalho teve como objetivo criar e divulgar sinais em Libras dos termos específicos do Curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, para contribuir com a melhoria da compreensão dos alunos Surdos. Além de contribuir para que alunos e intérpretes não façam uso de sinais provisórios entre si, o que poderia descaracterizar a Língua, transformando-a em um “dialeto regional” sem a possibilidade de dialética com os outros usuários da Língua, bem como, buscou motivar a comunidade Surda a discutirem sobre a criação de sinais da área de modo a enriquecer a própria língua com embasamento teórico, e enfim, buscou criar de um mecanismo para divulgação através de um Glossário disponível ao alcance de todos por meios eletrônicos.

Desse modo, orientados ao objetivo de compreendermos a necessidade de estipular sinais em Libras aos termos específicos do curso de TADS, organizamos a presente pesquisa em três capítulos, além da introdução e das considerações finais. Deste modo, no primeiro capítulo foi feito um estudo dos aspectos históricos da educação de Surdos, no cenário mundial e nacional, para que possamos entender um pouco sobre a evolução linguística da Libras e compreender o porquê nos dias atuais os Surdos ainda apresentam dificuldades de interação com a comunidade ouvinte, o que reflete no desenvolvimento em sala de aula.

No segundo capítulo, apresentamos um debate teórico, cujas principais premissas conceituais fundamentam este estudo. E o terceiro capítulo consiste no debate e na análise dos resultados deste trabalho.

1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Para compreendermos sobre a importância de pensar em uma educação sensível para as necessidades específicas dos Surdos, faremos nesse primeiro capítulo, um estudo crítico dos aspectos históricos da educação de Surdos, no cenário mundial e nacional.

Assim, relembremos as barreiras enfrentadas por esse Povo Surdo⁴, que durante séculos foram privados de comunicarem em língua de sinais, configurando em grandes prejuízos linguísticos e educacionais.

“Na maioria das vezes, a sociedade não reconhece a cultura dessa minoria⁵ linguística, e a surdez é vista como déficit, como anormalidade, uma vez que o normal é aceito pela sociedade é ouvir e falar” (SILVA, 2017, p. 24). Assim, durante muito tempo na historiografia, os Surdos eram estigmatizados, classificados como *loucos*, *doentes* e até mesmo maltratados e descartados pela sociedade ouvinte (STROBEL, 2007).

Apenas no século XVI que começou a se preocupar com a educação desses sujeitos e assim, surgiram os primeiros educadores de Surdos, pois para alguns, esses Surdos poderiam aprender por meio da escrita e seria um crime não instruí-lo (SILVA, 2017).

Mas durante dois séculos, somente os filhos de pais ricos que tinham acesso a estes professores. Então em 1760, Abade francês Charles Michel de L'Epée (1712-1789), criou a primeira escola pública para educar os Surdos. Essa escola foi fundada na cidade de Paris – França. A escola de L'Epée, formou inúmeros professores Surdos, que assim, tornaram professores de outros Surdos (STROBEL, 2009).

É importante ressaltar que além de permitir o acesso à educação de Surdos considerados de baixo poder aquisitivo, os ensinamentos eram pautados em uma metodologia de ensino de língua de sinais, e durante um século a língua de sinais se desenvolveu juntamente com as pessoas surdas, que puderam se inserir em meio a uma sociedade ouvintista (SILVA, 2017).

Assim, outros países também fundaram instituições de ensino público para Surdos, no Brasil, em 1857 na cidade do Rio de Janeiro, como beneplácito do Imperador Dom Pedro II (1840-1889), foi fundado pelo aluno formado na escola de L'Epée, Eduard Huet, o Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, ao qual funciona até os dias de hoje.

⁴ Para Karin Strobel (2008), o Povo Surdo é o grupo de sujeitos Surdos que tem costumes, história, tradições em comuns e pertencentes às mesmas peculiaridades, ou seja, constrói sua concepção de mundo através da visão

⁵ Neste trabalho, o termo minoria refere-se a grupos sociais que se reconhecem e são reconhecidos político e identitariamente como aqueles que necessitam de direitos e garantias específicos para a conquista e o desenvolvimento da cidadania.

Entretanto, para desgosto de uma comunidade recém-formada e em pleno desenvolvimento linguístico, no ano de 1880 foi realizado na Itália o *Congresso de Milão*, ao qual foi imposto o método de ensino de Surdos que seria adotado dali em diante. E de forma arbitrária a imposição ouvintista⁶ pôs fim ao legado de L'Epée e assim, o Oralismo imperou quanto a metodologia utilizada pelas escolas de Surdos espalhadas por todo mundo (STROBEL, 2009).

Para Sacks (1998), por conta do *Congresso de Milão* a os Surdos e a língua de sinais tiveram prejuízos incalculáveis. Essa filosofia perdurou 100 anos, o que condicionou os Surdos a viverem em um isolamento cultural, marcado pela resistência e imposição da língua oral, retirando desses sujeitos o direito de comunicar (STROBEL, 2009).

A partir dos estudos de Willian Stokoe (1991-2000), em 1960 a oralização começou a enfraquecer, e a língua de sinais começou a ganhar força com a defesa de que esta língua tinha as mesmas características das línguas orais (SILVA, 2017).

Porém, legalmente a preocupação com a inserção dos Surdos em escolas comuns, e a necessidade de pensar em um ensino pautado na diferença, somente começou a caminhar no início dos anos de 90 e início dos anos 2000. Pois a partir do congresso de Salamanca, surgiram as primeiras salas de recursos e os centros de atendimento especializados, além de escolas especiais.

Lacerda (2009), nos revela que interesse pela educação dos Surdos surgiu pela consciência da necessidade de fornecer um ensino de qualidade que corroborarão para um crescimento pessoal e intelectual, que poderá levá-lo a produção dos próprios saberes, para assim construir um novo olhar sobre a inclusão na rede regular de ensino.

E assim, surgiram várias Leis que sustentam essa necessidade. Em consonância a Lei 10.436 de 24 de abril de 2002 e o decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005, reforça a necessidade de os Surdos ingressarem em um ensino regular de qualidade, e a língua de sinais ao qual é oficializada como primeira língua dessa comunidade, é definido que deve ser a língua de instrução desses sujeitos Surdos.

Com base nessas legislações os Surdos passam a ter os direitos garantidos, porém necessitando de ações para que sua inclusão aconteça de fato. Portanto, a educação de Surdos cada vez mais vem ganhando forças, e a língua de sinais ao qual teve vários prejuízos no decorrer da história, vem se desenvolvendo conforme a necessidade dos Surdos em interagir

⁶ Skliar (2005) denomina de ouvintismo um conjunto de representações dos ouvintes, sob o qual os Surdos se veem obrigados a narrar e tratar de si mesmos como se fossem ouvintes.

em determinados setores da sociedade. O que justifica a necessidade e a importância desse estudo no desenvolvimento linguístico da comunidade surda⁷ brasileira, mais especificamente na construção de um glossário específico em Libras para contribuir de forma significativa no processo de compreensão e desenvolvimento de alunos Surdos, pois a partir dessas legislações os Surdos brasileiros puderam se inserir em um ambiente educacional superior, e assim necessitando de conhecimentos específico.

Assim, no próximo capítulo, traremos alguns teóricos que embasam essa necessidade que os Surdos e a língua de sinais tem, quanto ao desenvolvimento de sinais específicos.

⁷ Para Strobel (2008), a Comunidade Surda abrange Surdos e ouvintes militantes da causa Surda, tais como pais, intérpretes, professores e simpatizantes.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para debatermos sobre a necessidade de pensar em sinais específicos em Libras para contribuir como o processo de aquisição de conhecimento dos Surdos em determinadas áreas, trataremos nesse capítulo alguns teóricos que reforçam a necessidade da língua de sinais para o desenvolvimento dos Surdos.

De acordo com COUTAZ (2003) uma interface é um dispositivo que serve de limite comum a duas entidades comunicantes, que se exprimem numa linguagem específica. Além de assegurar a conexão física o dispositivo deve permitir a tradução de uma linguagem (formalismo) para outra. No caso da interface homem-software trata-se de fazer a conexão entre a imagem externa do sistema e o sistema sensório-motor do homem.

Dentre as características dadas por SHENEIDERMAN (1998) encontram-se algumas, - diversidade cultural e usuários com algum tipo de deficiência especial - que impõem a formação de um corpus específico de usuários, que significam um dos objetos de estudo principais deste trabalho, no caso, usuários Surdos. Os Surdos, mais do que uma característica biológica, apresentam características linguísticas e culturais próprias e por esta condição merecem esforços significativos de pesquisa em relação ao projeto de modelos de interação, voltados às suas capacidades e habilidades.

Apesar da diferença existente entre línguas de sinais e línguas orais, ambas seguem os mesmos princípios no sentido de que têm um léxico, isto é, um conjunto de símbolos convencionais, e uma gramática, ou seja, um sistema de regras que rege o uso desses símbolos.

Lebedeff (2003), analisou a forma como os Surdos compreendem textos em língua de sinais e escritos, sugerindo “que a língua de sinais é determinante para a compreensão textual das pessoas surdas, e que esta deve ser sua primeira língua de comunicação e expressão”. Santos e Dias (1998), Rampelotto (1993), Hatfield, Caccamise e Simple (1978), Stewart (1985) e Livingston (1991) corroboram com esta linha de pensamento e salientam que os Surdos usuários de língua de sinais adquirem um nível de compreensão equivalente ao dos sujeitos ouvintes.

É importante salientar que a língua de sinais possui uma gramática própria (Sacks, 1998), e essas línguas de sinais, dentre elas a Libras, possuem um rico sistema de classificadores, possibilitando aos nativos dessas línguas a construção de uma estrutura sintática cheia de relações gramaticais altamente abstratas, que segundo Fernandes e Strobel (1998, p. 30), o classificador,

[...] é uma forma que estabelece um tipo de concordância em uma língua. Na LIBRAS, os classificadores são formas representadas por configurações de mão que, relacionadas à coisas, pessoas e animais, funcionam como marcadores de concordância. (FERNANDES; STROBEL, 1998, p. 30).

Na Libras podemos encontrar os seguintes parâmetros que formarão os sinais: configuração das mãos, ponto de articulação, movimento, orientação de mão e expressão facial e/ou corporal. E como ocorre em outras línguas de sinais, a Língua Brasileira de Sinais apresenta regras que estabelecem combinações possíveis e não possíveis entre estes parâmetros.

Assim, os sinais não devem ser construídos de forma aleatória, mas, a utilização de sinais unidos em frase é a forma certa de se comunicar com os Surdos, pois os sinais em conjunto formam o contexto que facilita o entendimento.

Como apresentado no capítulo anterior, a Língua de Sinais Brasileira, foi reconhecida oficialmente em nosso país, como língua oficial dos Surdos pela Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 e regulamentada pelo Decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005, que não só regulamenta a Lei de LIBRAS, mas também tem como objetivo a inclusão do Surdo.

Oficialmente a Libras é considerada a primeira língua do Surdo, e a língua portuguesa na modalidade escrita é considerada a segunda (BRASIL, 2005). Assim, está estabelecido que:

[...] as línguas de sinais devem ter o mesmo status das línguas orais, uma vez que se prestam às mesmas funções: podem expressar os pensamentos mais complexos, as idéias mais abstratas e as emoções mais profundas, sendo adequadas para transmitir informações e para ensinar (BRASIL, 2005, p. 6).

A Libras é uma língua viva, o que a torna capaz de mudanças e criações, “pode-se dizer que as línguas de sinais são ilimitadas no sentido de que não há restrição quanto as possibilidades de expressão” (SANTANA; SILVA, 2011, p. 7).

Ainda para a autora, podem aumentar o vocabulário das línguas de sinais, introduzindo novos sinais de acordo com as necessidades e mudanças culturais, bem como as mudanças tecnológicas, ou seja, de acordo com as necessidades pode surgir um novo sinal, porém, esses sinais precisam ser aceitos pela comunidade surda e poderá ser utilizado por ela. (SANTANA; SILVA 2011).

Nas aulas técnicas do curso de Tecnologia e Desenvolvimento em Análise de Sistemas, os termos específicos muitas das vezes atrapalham a compreensão dos Surdos e prejudica o

trabalho de interpretação, feito pelo intérprete de Libras, tornando assim necessária a convenção de sinais correspondentes para esses termos.

Para Silva, Lemes e Silva (2016), para preencher essa lacuna termológica, é comum que o intérprete e o Surdo estabeleçam alguns sinais para facilitar a compreensão do aluno Surdo. Porém, como cada grupo estabelece o seu sinal, pode se ter vários sinais para expressar o mesmo termo. Assim, os autores reforçam a necessidade de criar os sinais juntamente com a comunidade surda, e que esses sinais sejam divulgados para que os outros Surdos não preocupem com esses termos.

Nesse sentido, Silva (2011) reforça a importância de que a criação de sinais esteja em consonância com a comunidade surda e profissionais das áreas específicas, para que desenvolvam os mecanismos para a ampliação do léxico na língua e decidam de forma coletiva a validação das criações lexicais.

Portanto, a presente pesquisa buscou sua justificativa e validade no respaldo da comunidade surda jataiense, bem como em alunos e profissionais intérpretes que atuam ou atuaram no curso de Tecnologia e Desenvolvimento em Análise de Sistemas.

No próximo capítulo apresentaremos a metodologia desta pesquisa, além de debatermos sobre os resultados adquiridos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo faremos a apresentação das ações que desenrolaram durante o desenvolvimento dessa pesquisa. Assim, para levantar quais os termos utilizados e consolidados em sinais durante as aulas de TADS poderiam se tornar um léxico próprio da Língua Brasileira de Sinais, nos pautamos pelos princípios da abordagem qualitativa, que segundo Neves (1996, p. 1), é “um conjunto de diferentes técnicas interpretativas, que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados”. E de acordo com Souza (2007) “se insere num espaço dialógico, no qual a descoberta e a validação de processos são mais relevantes do que a lógica de prova, predominante nas pesquisas quantitativas”.

Assim, foi dividido em três momentos: levantamento dos sinais; apresentação para comunidade surda jataiense; e confecção do glossário.

Dessa forma, juntamente com os ex. intérpretes e principalmente com a atual intérprete do curso de Tecnologia e desenvolvimento em Análise de Sistemas, fizemos um levantamento prévio de termos específicos utilizados nesse curso, ao qual necessitamos criar durante as aulas.

A princípio levantamos um total de noventa e nove sinais, divididos em várias disciplinas do curso, Administração de Serviço Internet – vinte e um sinais, Estrutura de Dados – três sinais, Programação para Bancos de Dados – quatro sinais, Tecnologia para Estruturação de Dados – quatro sinais, Segurança de Sistemas em Redes – cinco sinais, Introdução a Sistemas de Banco de Dados – cinco sinais, Redes de Computadores – cinco sinais, Algoritmos – cinco sinais, Inglês Instrumental – cinco sinais, Estrutura de Dados – sete sinais, Qualidade de Software – onze sinais, Gerência de Projetos – um sinal, Programação Orientada a Objeto – dezesseis sinais e Interface Homem Máquina – sete sinais.

É importante ressaltar que vários sinais foram perdidos, esquecidos, pois ao final de cada disciplina não fazíamos um registro sistematizado destes sinais, bem como nem todos os sinais foram criados por nós, pois buscamos os sinais já utilizados em outros lugares do Brasil, bem como em outros trabalhos. Assim, desses noventa e nove sinais, trinta e seis foram aproveitados de outros ambientes virtuais e alocados em nosso glossário.

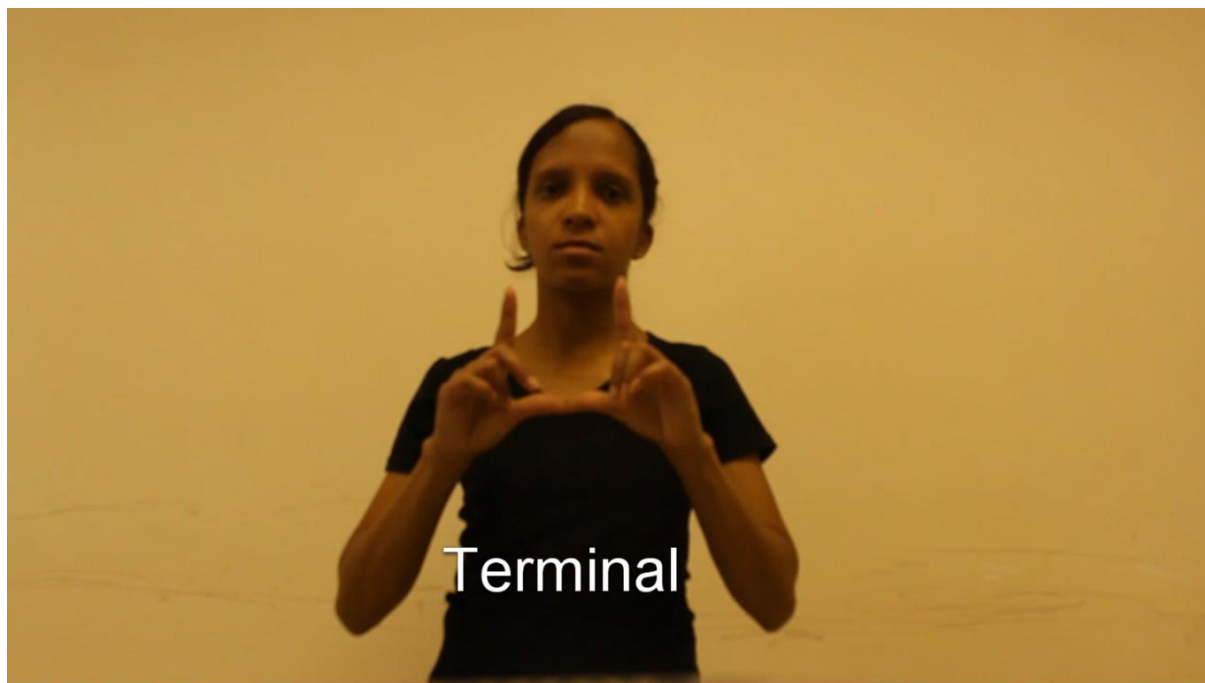
As principais fontes foram o Youtube⁸ e Hand Talk⁹, ferramentas de fácil acesso (nos apêndices há uma tabela identificando cada sinal). Estas ferramentas foram utilizadas durante

⁸ YouTube é uma plataforma de compartilhamento de vídeos com sede em San Bruno. O serviço foi criado por três ex- funcionários do PayPal - Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim - em fevereiro de 2005.

⁹ Hand Talk é uma plataforma que traduz simultaneamente conteúdos em português para a língua brasileira de sinais e tem por objetivo a inclusão social de pessoas surdas.

todo o curso, pois devido à dificuldade de criar esses sinais específicos, conseguimos aproveitar os sinais já utilizados por outros colegas.

Figura 1 – terminal

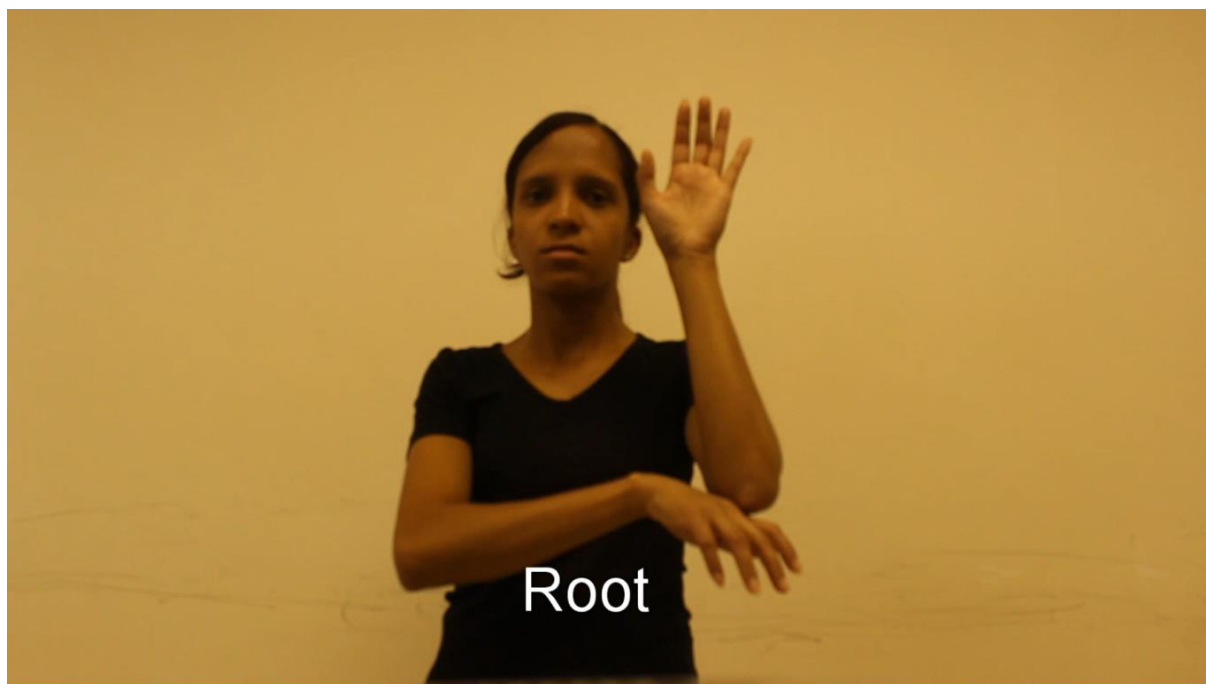


Fonte: elaboração da autora, 2018.

O sinal de terminal foi pensado a partir do modo de tela preta que ele apresenta, assim ficou, tela+T+preto.

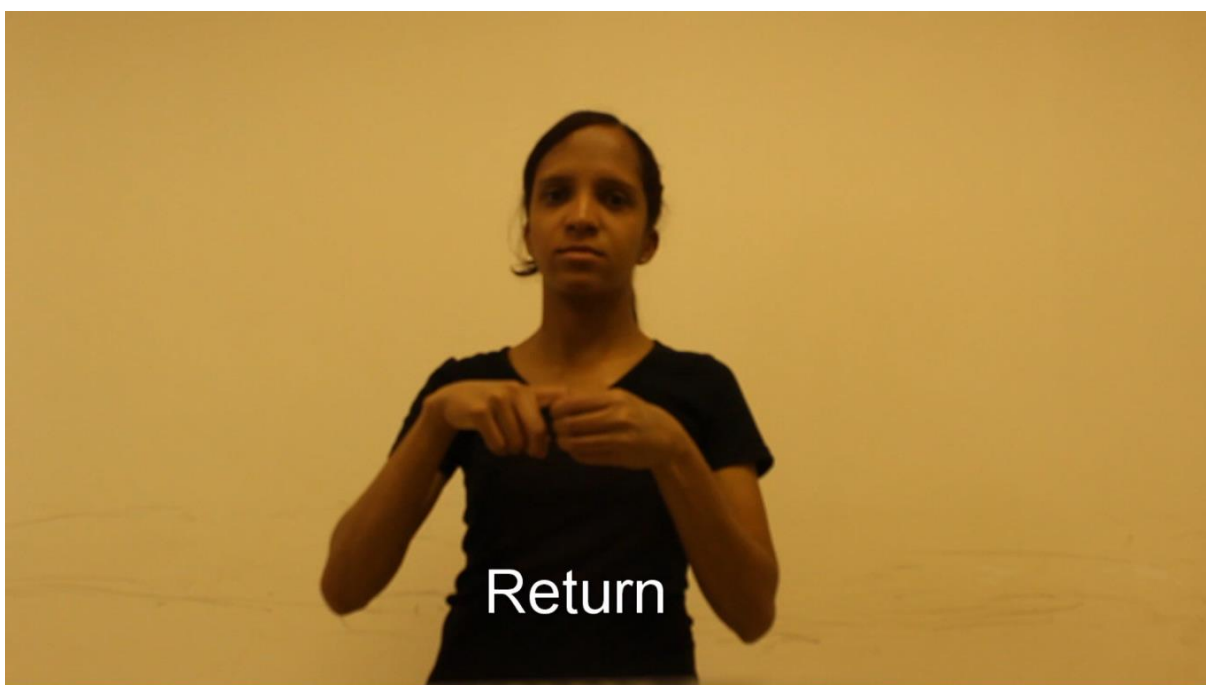
O próximo é o sinal de Root, a princípio em sala pensamos em outro sinal, ao qual foi esquecido, porém no decorrer dessa pesquisa, verificamos que este sinal já existia no youtube. Assim, o sinal ficou como uma antena ligada por cabos em sua base.

Figura 2 – root



Fonte: elaboração da autora, 2018.

Figura 2 – roeturn



Fonte: elaboração da autora, 2018.

A palavra return, foi pensada de acordo com sua tradução que é voltar, assim aproveitamos um sinal já utilizado pelos surdos, porém em um contexto diferente.

Portanto, após selecionar os sinais ao qual levaríamos para a comunidade surda jataiense, gravamos todos os sinais em vídeo e apresentamos em busca da aceitação e validação desses sinais. Este momento contou com a participação de sete pessoas da Comunidade Surda.

Para Silva, Lemes e Silva (2016), para a criação de novos sinais é importante que esta ação aconteça em conjunto com toda a comunidade Surda, para que decidam de forma coletiva a validação desses léxicos. Portanto, utilizando um data-show, foi passado de um a um, cada sinal em forma de vídeo, bem como a legenda em português, além da explicação de cada léxico, e qual significado.

É importante ressaltar que dentre as sete pessoas da Comunidade Surda jataiense presente na exposição e validação dos sinais, não havia ninguém com formação ou conhecimento na área, o que dificultou a discussão acerca de uma melhor proposta para os léxicos em Libras.

Dentre os sessenta e seis sinais de fato criados no decorrer dessa pesquisa, somente oito léxicos em Libras foram debatidos de forma mais extensa dentre o grupo de Surdos. Sendo estes léxicos, alterados e ao final aprovados.

Os sinais aprovados, juntamente com os sinais ao qual aproveitamos de outras mídias virtuais, formam um Glossário em Libras dos Sinais Específicos do Curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas que será divulgado a partir de uma mídia virtual, Youtube, bem como será submetido a apresentação de trabalho na SEMLIC¹⁰, bem como a SEMANTEC¹¹ deste presente ano, com o objetivo de alcançar o maior número de pessoas possíveis.

¹⁰ SEMLIC – Semana de Licenciatura do IFG-Jataí.

¹¹ SEMANTEC - Semana Técnico-Científico-Cultura do IFG-Jataí, que neste ano de 2018, conta como tema “Ciências para a Redução das Desigualdades. “

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O IFG Câmpus Jataí se tornou referência para os Surdos de Jataí e região, isto se dá pelo fato de vários Surdos estudarem ou terem estudado nessa instituição de ensino público, muito deles almejam ingressar nos cursos Técnico em Informática e Superior em Tecnologia e Desenvolviemnto em Analise de Sistemas, o que torna essa pesquisa de suma importância e a necessidade de que seja expandida para os demais cursos oferecidos nessa instituição.

É necessário a constante orientação aos professores quanto a sinais básico da Libras e as metodologias de ensino para alunos Surdos em sala de aula. Pois, não adianta ter os sinais específicos se os professores não utilizam de metodologias visuais e explicação clara para que a compreensão de forma igualitária aos demais colegas ouvintes aconteça.

Por fim, consideramos que esta pesquisa é de suma importância, pois esperamos que o fluxo de repasso de informação dentro de sala de aula ocorra de forma mais natural e que os alunos Surdos compreendam melhor os conteúdos sem precisarem interromper o processo de interpretação para criação de léxicos no momento da explicação e assim ficando prejudicado.

Concluimos também, que mais pesquisas iguais a estas precisam ainda ser feitas, pois não é nem foi possível abarcar todos as palavras utilizadas pelos professores das diversas disciplinas que tem o curso de TADS, portanto, falta muitos sinais a serem desenvolvidos e divulgados para facilitar ainda mais a formação de Surdos nessa área do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Decreto Federal n 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais- Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2005.
- _____. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e dá outras providências. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, 2002.
- COUTAZ, J. **Interfaces Homme-ordinateur: Conception et réalisation**. Paris. Bordas, 1990. Editora Perspectiva UFSC, 2003.
- LACERDA, C. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos**. 2009.
- LEBEDEFF, T. B. Análise da Compreensão textual de Surdos adultos de textos em língua de sinais e escritos, 26ª Reunião da ANDEP, 2003, Poços de Caldas. **O papel histórico da ANDEP na produção de novas políticas**. 2003. p. 237-247.
- MOURA, M. C. de. História e Educação: o surdo, a oralidade e o uso de sinais. In: LOPES FILHO, O. C. (Org.). **Tratado de Fonoaudiologia**. São Paulo: Roca, 1997.
- NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisa em administração**. FEA-USP. São Paulo, v. 1, n. 3, 2º sem 1996.
- QUADROS, R. **O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa /Secretaria de Educação Especial**; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília: MEC; SEESP, 2002.
- RAMIREZ, A. R. G.; MASUTTI, M. L. **A educação de surdos em uma perspectiva bilíngue**: Uma experiência de elaboração de softwares e suas implicações pedagógicas. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.

SACKS, O. **Vendo Vozes**: Uma jornada pelo mundo dos surdos. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1998.

SANTANA, B. P.; SILVA, M. S. . Libras e Ensino Técnico: A Necessidade de Novos Sinais. In: **VII Jornada de Iniciação Científica, 2011, Universidade Presbiteriana Mackenzie**.

Disponível em:

<http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Pesquisa/pibic/publicacoes/2011/pdf/let/irinete_maria.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2018.

SHENEIDERMAM, B. **Designing Information-Abundant Web Sites**: issues and recommendations. Disponível em: <<http://www.hbuk.co.uk>>. Acesso em: 18 mar. 2009, 16:30:02.

SILVA, Irinete Maria dos Santos. **Libras e ensino técnico**: a necessidade de novos sinais. Universidade Presbiteriana Mackenzie. VII Jornada de Iniciação Científica. 2011.

SILVA, T. A.; LEMES, K. F.; SOUZA JUNIOR, I. Q.; SILVA, T. A. . Sinais específicos em Libras: curso técnico em edificações e superior em engenharia civil. In: **XIII Semana de Licenciatura e IV Seminário da Pós-Graduação em Ciências e Matemática**, 2016, Jataí. Anais da XIII Semana de Licenciatura e IV Seminário da Pós-Graduação em Ciências e Matemática, 2016. p. 396-401.

SILVA, T. A. **A disciplina de Libras na formação de professores**. 2017. Dissertação. (Metrado em Educação) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Jataí. 2017.

SKLIAR, C. (Org.) **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

SOUZA, S. de et al. Uma proposta de ensino de física para alunos surdos centrada na experiência visual. In: **Encontro estadual de ensino de física**– RS, 2. Porto Alegre. Atas Porto Alegre: UFRGS – Instituto de Física, 2007, p.127-139.

STEWART, D.A. **Effects of differing sign language and communication modes on the comprehension of stories by deaf students**. Tese de Doutorado não publicada. University of British, Columbia, 1985.

STROBEL, K. L. & FERNANDES, S. **Aspectos lingüísticos da língua brasileira de sinais**/ Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Educação Especial. Curitiba: SEED/SUED/DEE. 1998.

STROBEL, K. L. História dos surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas. In: QUADROS, Ronice Muller; PERLIN, Glades. **Estudos Surdos II**. Petrópolis, RJ: Arara azul, 2007.

_____. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.

_____. **História da educação de Surdos**. Florianópolis: UFSC, 2009.

APÊNDICE

Lista de Sinais Definidos

Administração de Serviço Internet				
Nº	Léxico	Descrição do sinal	Link para vídeo	Onde encontrou
01	Adiciona			
02	Gedit			
03	Passwd	Senha		Hand Talk
04	Shadow			
05	Terminal	Tela Preto	Mão Libras	Eu inventar
06	IPV	IP	Mão Libras	Mão
08	Root		https://www.youtube.com/watch?v=zQZWf0vFRKk	Youtube
09	Sudo			
10	Home			Hand Talk
11	Ls	Lista		
12	RWX			
13	Permissões			
14	MKDIR	Criar Diretórios		
15	Chown			
16	Proftpd			
17	Open	Abrir		
18	FTP		https://www.youtube.com/watch?v=zQZWf0vFRKk	Youtube
19	Apache			Hand Talk
20	Webalizer			

21	Backup			Hand Talk
----	--------	--	--	-----------

Estrutura de Dados				
22	Moodle			
23	Laço de Repetição			
24	Provedor			

Programação para Bancos de Dados				
25	Create	Criar		Mão Libras
26	Select	Escolher		Mão Libras
27	Table	Tabela		Mão Libras
28	Procedure			

Tecnologia para Estruturação de Dados				
29	Return	Voltar		Mão Libras
30	Attribute	Atributo		Mão Libras
31	By			Mão Libras
32	Where	Onde		Mão Libras

Segurança de Sistemas em Redes				
33	Tráfego			
34	Definição			Hand Talk
35	Prover			Hand Talk
36	Rastejar			Hand Talk
37	Vulnerabilidades			Hand Talk

Introdução a Sistemas de Banco de Dados				
38	Check			
39	Char			
40	Alter			
41	Drop			
42	DDL			

Redes de Computadores				
43	Modem ADSL			Hand Talk
44	Switch			
45	Hub			
46	Hack			
47	Conector			

Algoritmos				
48	Include			
49	Float			
50	Printf			
51	Scanf			
52	Getch			

Inglês Instrumental				
53	Computers			
54	Experts			
55	Programs			
56	My	Meu		Mão Libras

57	Your			
----	------	--	--	--

Estrutura de Dados				
58	Else			
59	System	Sistema		Mão Libras
60	Main			
61	Empilhar			Hand Talk
62	Topo			
63	Null	Zero		Mão Libras
64	Struct			

Qualidade de Software				
65	Métrica			Hand Talk
66	CPU			Mão Libras
67	Média			Hand Talk
68	Clean Code			
69	Desgin Patter			Hand Talk
70	Abstract Factory			
71	Enum			
72	Ágeis			
73	Programming			
74	XP			
75	Scrum			

Gerência de Projetos				
76	Diagrama dos EAPS			Hand Talk

Programação Orientada a Objeto				
77	Class Math			Hand Talk
78	Void			
79	Println			
80	Logaritmos			
81	Trigonometria			
82	Parâmetro			Hand Talk
83	Floor			
84	Rint			
85	Round			
86	Sin			
87	Cos			Hand Talk
88	Tan			
89	Aritméticos			
90	API			
91	Array List		https://www.youtube.com/watch?v=zQZWf0vFRKk	Youtube
92	JOptionPane			

Interface Homem Máquina				
93	Adaptabilidade			Hand Talk
94	Flexibilidade			
95	Estrutural			Hand Talk
96	Usuários	Pessoa		Hand Talk
97	Cédula Eletrônica			
98	Comando	Mandar		Hand Talk
99	Formato	Configurações		Hand Talk